

Recensões

Wordsworth, Dora, *Canals, Castles and Catholics: Dora Wordsworth's Continental Journal of 1828*, ed. Cecilia Powell, Grasmere: The Wordsworth Trust, 2021, xvi + 228 pp.

Rogério Miguel Puga
rogerio_puga@hotmail.com
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas –
CETAPS/ NOVA
Lisboa, Portugal
ORCID iD [0000-0002-6198-6032](https://orcid.org/0000-0002-6198-6032)

Artigo recebido em 2024-06-07
Artigo aceite em 2024-10-19
Artigo publicado em 2024-10-19

Como citar e licença

Puga, R. M. (2024). Wordsworth, Dora, Canals, Castles and Catholics: Dora Wordsworth's Continental Journal of 1828, ed. Cecilia Powell, Grasmere: The Wordsworth Trust, 2021, xvi + 228 pp. *LIT&TOUR – International Journal of Literature and Tourism Research (IJLTR)*, (3), 77-82. <https://publicacoes.ciac.pt/index.php/litntour/article/view/288>

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

A escrita de viagens tornou-se um género popular e um negócio de massas no final do século XVIII, tendo a vitória britânica na Batalha de Waterloo (1815) permitido aos britânicos voltar a viajar pelo continente europeu em segurança. A família de William Wordsworth (1770-1850) produziu e consumiu inúmeros relatos, diários, guias e poemas de viagem, incluindo os membros mais jovens, como Dora Wordsworth (1804-1847), numa época em que as mulheres, que viajavam cada vez mais, utilizavam estrategicamente esses relatos para participar em debates considerados masculinos e para conquistar uma voz e uma autoridade públicas em áreas do saber como a arqueologia, a história (de arte), a geologia e os estudos literários, entre outras.

Como é sabido, os românticos ingleses, do casal Shelley a Lord Byron, viajaram pela Europa, tendo, aliás, Percy Shelley e Byron falecido em viagem, pelo que o Romantismo britânico é fortemente associado à mobilidade. Em 1828, os famosos poetas quinquagenários William Wordsworth (WW) e Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), zangados desde 1810, reconciliam-se e decidem viajar pelos Países Baixos, pela Bélgica e pela Alemanha, ao longo do Reno. Na altura, WW estava com a filha em Londres e opta por levá-la consigo. WW já percorrera parte desse percurso, em 1790, a pé, como descreve no Livro VI da edição de 1805 do seu *Prelude*, e, entre Julho e Novembro de 1820, voltaria a repeti-lo com a mulher, Mary Wordsworth, a irmã Dorothy Wordsworth, e

outros familiares e amigos. Em 1828 regressa ao vale do Reno, na companhia de Dora, que, aos vinte e quatro anos, ao contrário do que não conseguia fazer em casa, devidos às inúmeras tarefas domésticas e de apoio (como amanuense) ao seu pai, redige o “Journal of a Tour of the Continent 1828”, texto que comunica com os que a mãe e a tia escreveram durante o anterior *tour* familiar (e que Dora refere; 89, 164) e que WW utiliza como fonte de inspiração e informação para a sua antologia poética *Memorials of a Tour on the Continent*. As três narrativas femininas apenas seriam publicadas postumamente, o de Dora em 2021, profusamente ilustrado, com o título *Castles and Catholics: Dora Wordsworth's Continental Journal of 1828*, pelo Wordsworth Trust, acompanhado por comentários e ensaio da historiadora de arte Cecilia Powell (37-75, 167-202). A breve biografia de Dora, da autoria de Pamela Woof (xiii-36), contextualiza a viagem e contempla ainda o casamento (em 1841, contra a vontade de WW) da diarista com o poeta e romancista Edward Quillinan (1791-1851), nascido no Porto, e com quem visitaria Portugal e Espanha em 1845-1846, pouco antes de falecer. *Castles and Catholics* é o primeiro de dois diários que Dora redige sobre países estrangeiros, tendo publicado apenas, em 1847, pouco antes de falecer, e contra a vontade do seu pai, o da sua viagem a Portugal e Espanha, *Journal of a Few Months Residence in Portugal with Glimpses of the South of Spain* (Londres: Edward Moxon, 1847), que nos encontramos a estudar.

Em 1828, a decisão dos dois poetas românticos fazerem a viagem foi repentina e apanhou Mary Wordsworth (que ajudava o filho John a estabelecer-se em Whitwick) de surpresa. WW e Dora estavam alojados no apartamento londrino de Quillinan desde o início de Maio, e, a 21 de Junho, o trio parte daí para Margate, onde apanha um barco para Ostend. A diarista utiliza, tal como era comum na altura, travessões em vez de ponto final, e a sua narrativa é elíptica, faltando entradas para vários dias do itinerário. A correspondência trocada entre membros da família preenche alguns desses vazios, por exemplo, quando, numa missiva enviada ao seu primo Christopher, Dora explica por que motivo acompanha o pai e Samuel Taylor Coleridge (STC), também como mediadora da relação de amizade retomada pelos dois poetas: “it was impossible for me situated as I was without a Lady friend, to go to Cambridge even if I

could be received at the lodge. Therefore had Father gone I must have either been left to the charity of any London friend who would have taken pity on me, or gone down by coach to Leicestershire alone – neither of which would have been very agreeable – then was not The Rhine plan a much preferable thing as far as I was concerned? (Dove Cottage, Wordsworth Library: WLL/Wordsworth, Dora/1/15), contando a 16 de Junho, a Hannah Hoare, os planos da viagem: “We are going up the Rhine the We, Mr Coleridge, my Father, and myself, going to visit a Lady who lives in the most interesting part of that interesting country. We talk of starting about the 21st shall be absent about a month or three weeks, perhaps return through town, perhaps take the steamboat from Rotterdam to Hull. This is instead of Cambridge, and, as far as I am concerned, a much preferable thing, but I am half out of my wits with this unexpected pleasure” (WLL/Wordsworth, Dora/1/12). De Ostend, o trio viaja de carruagem até Bruges, cidade onde WW escreveria o poema “Incident at Bruges”, e onde os viajantes apreciam igrejas e ainda o campo da Batalha de Waterloo. Nas Fenwick Notes (1993: 126) podemos ler as memórias de WW sobre o contexto de produção do referido poema: “[t]his occurred at Bruges in the year 1828. Mr Coleridge, my daughter and I made a tour together in Flanders, upon the Rhine and returned by Holland. Dora and I, while taking a walk along a retired part of the town, heard the voice as here described, and were afterwards informed it was a convent in which were many English. We were both much touched, I might say affected, and Dora moved as appears in the verses”.

A escrita autobiográfica de Dora é marcada quer pelo humor, ao descrever os seus acompanhantes (92) e alguns episódios pessoais (112, 136), ao tentar zombar de August Schlegel (140-142), quer pelo uso de trocadilhos por vezes aliterativos (“ne plus ultra or Naples of Ruins”, ou “a wild stork stalking”; 122, 152), quer ainda por comentários sobre si mesma: “When a Child I have more than once been told I was only fit as soon as sayto dine with the Pigs but little did I think that one day I was destined to eat my dinner in a Sty! A Sty!” (131). O diário é quase telegráfico, as descrições do(s) Outro(s) continentais são curtas, talvez porque os seus destinatários principais, a mãe e a tia, haviam já feito a mesma viagem e conheciam essas paisagens. Os três convivas viajam até Namur e

daí para Liège, Spa, Aix-la-Chapelle, Colonha, Bingen, Arnheim, Utrecht, Amsterdão e Antuérpia, antes do regresso a Ostend. Dora descreve a amabilidade dos anfitriões Charles e Eliza Aders que os ajudaram a preparar a viagem e os recebem no seu palacete em Godesberg, “a fashionable spa” no Reno (40), perto de Bona, e ocupa-se ainda de alguns encontros e convívio com habitantes locais e viajantes ingleses com quem se cruza. Um desses viajantes, Thomas Colley Grattan (*Beaten Paths and Those Who Trod Them*, 1862: 115), informa o seu leitor que STC e certamente Dora “took evident delight in rural scenes. He was in ecstasies at a group of haymakers in a field as we passed. He said the little girls standing with their rakes, the handles resting on the ground, ‘looked like little saints.’ Half-a-dozen dust-covered children going by the roadside, with a garland of roses raised above their heads, threw him into raptures. He murmured that ‘it was a perfect vision’”. Grattan (138) descreve ainda Dora a desenhar durante a viagem: “the last I saw of them was on the deck of the passage boat between Namur and Liège, both the poets admiring, while Miss Wordsworth sketched, one of the loveliest scenes on the river”. Por sua vez, Dora apresenta-o como “[a] most entertaining good-humoured creature” numa missiva que envia a Sara Coleridge (WLMS A/Coleridge, Sara/22). Os relatos desses viajantes que se encontram com o famoso trio são fontes essenciais para o estudo da expedição enquanto olhares exteriores, e um outro autor, Julian Charles Young (*A Memoir of Charles Mayne Young* vol. 1, 1871: 182-183), descreve a visita do grupo a Haarlem, no dia 27 de Julho, nomeadamente um concerto de órgão a que Dora, WW (escondido) e STC assistem:

After the trio had left Godesberg, and were returning homewards via Amsterdam and Rotterdam, they paid a visit to Haarlem. Mrs. [...] They had not arrived many minutes at their hotel before one of the principal waiters of the establishment entered the room, and asked them if they would like to accompany a few other persons in the house to hear the celebrated organ played, as a party was then in the act of forming.

‘Oh’, said Wordsworth, ‘we meant to hear the organ! but why, Coleridge, should we go with strangers?’ ‘I beg your pardon’, interrupted the waiter, who understood and spoke English well, ‘but it is not every one who is willing

to pay twelve guilders (£1); and as the organist will never play privately for less, it is customary for persons to go in parties, and share the expense between them’. ‘Ah, then, I think I will not go: I am tired’, said Wordsworth. ‘Then you and I will go together, Dora,’ answered Coleridge. Off they went, arm in arm, leaving Wordsworth behind, reclining on a couch. They had not been long in the Church of St. Bavo, listening to the different stops which the organist was trying to display to the greatest advantage – the solo stops, the bell stops, the trumpet stop, the *vox humana* stop before Coleridge was made sensible of the unwelcome intrusion of a strong current of air throughout the building. He turned his head to see the cause; and, to his amusement, descried his gentle friend, noiselessly closing the door, and furtively making his way behind one of the pillars, from whence he could hear without being seen, and thus escape payment. Before the organist had concluded his labours, Wordsworth had quietly withdrawn. On the return of his friend and his daughter, he asked them how they had enjoyed their visit to St. Bavo, but said nothing of his own!

Curiosamente, seis anos após a viagem, em Junho de 1834, o amigo da família Henry Crabb Robinson, certamente para recordar a viagem, oferece a Dora uma cópia de *Views of the Rhine* (1832), de William Tombleson, profusamente ilustrado (70 ilustrações do Reno entre Colónia e Mainz), e a 24 de Julho, ‘Dorina’, como Robinson lhe chama, agradece-lhe o presente (Henry Crabb Robinson, *The Correspondence of Henry Crabb Robinson with the Wordsworth Circle, 1808-1866*, 1927, vol. 1: 265). Em 1836, Robinson oferecer-lhe-ia o segundo volume da obra, que descreve o Reno entre Mainz e a sua nascente, na Suíça, fazendo, assim, a escrita de viagens parte do quotidiano do círculo de WW.

Se WW redige dois poemas sobre o tour, STC anota vários episódios nos seus *Notebooks*, nomeadamente sobre as missas a que assiste com música sacra na Igreja de São Salvador, em Bruges, a Universidade, ou as vendedoras do mercado de Bruxelas que observa com Rotha, como chama a Dora carinhosamente (*The Notebooks of Samuel Taylor Coleridge. Volume 5: 1827-1834*, 2002). O diário da jovem é também caracterizado por uma dimensão (embora ténue) proto-etnográfica, por exemplo, quando descreve mulheres a trabalhar, ou a paisagem humanizada e animal, a caminho de Ghent, que relaciona através de frases elípticas e frag-

mentárias, bem como da justaposição pitoresca de cenários cronotópicos que observa ao longe: “Country very interesting – a tempting road through Avenues of trees to our left – women reaping, cloth bleaching – a flock of Sheep tended by their Shepherd & his Dog which would make a sweet picture – Banks deepen lowly Cottages sprinkled about – road on each bank & each through an avenue of trees – Water lilies abundant – a black & white Goat tottered close together on the steep bank” (88). A viagem permite ainda uma peculiar experiência intercultural e etnográfica em termos museológicos, quando, em Haia, o trio visita o museu Mauritshuis, que, desde 1822, exhibia as obras de arte da Casa de Orange. O primeiro andar da instituição albergava o Royal Cabinet of Paintings e o piso térreo o Royal Cabinet of Curiosities (actualmente no Museu Nacional de Etnologia, em Leida), uma colecção de artefactos etnográficos coloniais que funcionam como alegórico símbolo do império dos Países Baixos, nomeadamente dos territórios administrados e visitados pela Companhia das Índias Holandesa. Dora veicula o seu espanto perante o modelo da ilha de Deishima, ao largo de Nagasáqui, onde os neerlandeses se estabelecem após a expulsão dos portugueses do Japão (1639-1640). A diarista enumera os artefactos que mais aprecia: “we saw a large collection of Japanese &c &c Weapons, Dresses, Gods, Families (NB) (not living ones) – but above all a model of a Japanese Town – which with its multitudes of Figures, Men, Women, horses Dogs – Cat – birds trees with Birds perched upon them – ships – boats – sea fowl &c &c – was exceedingly curious & would beguile a wet morning pleasantly & instructively – This collection has been recently added to the Museum – Among other curiosities 3 or 4 mermaids so cunningly executed that none but an Anatomist could discover the imposition – how widely is the mermaid fancy spread!” (156). A referida maquete – também referida no romance juvenil norte-americano *Hans Brinker, or the Silver Skates* (1865), de Mary Mapes Dodge – encontrava-se na sala n.º 3 do museu e é longamente descrita no *Guide du Cabinet Royal de Curiosités, Placé à l'Hôtel dit Mauritshuis à La Haye*, da autoria de Reinier Pieter van de Kastelee, publicado pelo próprio museu Mauritshuis, que apresenta o modelo como “fabriqué pour les japonais [...] est un don, fait à sa majesté le Roi des Pays-Bas, par le dernier et très-respectable Gouverneur, le chevalier Cock Blomhoff” (1825: 47-59).

O ritmo aparentemente rápido da viagem (sobretudo de barco e carruagem) e a inexperiência de Dora como viajante fazem com que se queixe por não conseguir observar atenta e demoradamente o que a rodeia e que (enquanto artista amadora) gostaria de desenhar: “It grieved me much not to bring away one sketch – but these tantalising [sic.]. Travellers must make up their minds to suffer – one Peep” (145). No entanto, apesar dessa rapidez e das sucessivas visitas turísticas, bem como do calor, é notório o entusiasmo da jovem ao chegar, à noite, a Colónia, de barco: “on looking out of the Window a scene was before me which would have repaid twenty times the fatigue – The noble Rhine crossed by the bridge of boats, taking the form of a gentle curve, lighted on one side by a few dim lamps – up & down the river boats anchored each with its little modest light – the moon above now shining forth & making a silver pillar in the water below – now half obscured by clouds – The buildings on the opposite shore seen so indistinctly the fancy may make of them what she will – not a sound to be heard but the rippling of the Waters” (106). A primeira viagem (educativa) da autora pela Europa funciona como um mini-Grand Tour durante o qual o pai lhe chama a atenção (também emotiva) para a arte no interior de igrejas e galerias, e a jovem comenta os quadros que aprecia e refere a sua preferência pelas obras de Van Dyke, em detrimento das de Rubens (“all these Ruben’s I studied well – “St Francis” Van Dyke, affected me more & gave me more pleasure than any one of Rubens”; 162), criticando também a pilhagem de obras de arte pelos franceses. A jovem aprende a observar quadros atentamente com os seus “Tutors” (89; 90), o pai e STC, e, após visitar galerias de arte, acaba por se confessar cansada: “Picture gazing... is by much the most exhausting part of my Travels... all day quite knocked up with the Pictures”; 152, 162). Aliás, a maioria dos comentários sobre obras de arte serão da autoria de WW ou STC (“this Altar my Father says injures the Church grievously... My Father marked in the Cat: the Pictures I was to study... as Father observed”; 162, 165). O diário detém-se, de forma pragmática e simples, também no detalhe do (sublime do) quotidiano, sendo recorrentes termos como “peep”, “visible” e “view” (144, 138, 145), enquanto a diarista desvia o seu olhar lírico das ruínas apreciadas pelo pai e por STC em direcção a ‘quadros’ infantis e etnográficos, de crianças a conduzir arados, nos campos (119).

O grupo viaja ao longo do rio Reno, e a 11 de Julho chegam à “ruinous Town of Bacharach” (STC, *Notebooks*: entrada 5895), adiantando STC uma imagem que dá título ao diário de Dora: “Posted to Bingen – Castles in Earth, Castles in Air, Castles in Water – Walked to the Chapel in the Bingen [...] in the after to Niederwald” (entrada 5896), dialogando as enumerações e notas de ambos os viajantes intertextualmente. O trio viaja até Coblenz, e a 14 de Julho visita Wellmich, onde a jovem descreve o encontro com uma mulher judia e os seus filhos, que daria origem ao poema “A Jewish Family”, de WW (revisto e publicado em 1835). De acordo com Dora, STC interagiu com uma menina, enquanto o poema de WW refere um rapaz, a sua mãe e duas filhas. O grupo permanece depois em Godesberg até ao dia 21, quando Schlegel lhes mostra Bona. Os viajantes sobem o Drachenfels para apreciar o pôr-do-sol, e a autora vai *ruin-hunting* com Julian Charles Young. A diarista prefere desenhar a falar com os “Sages” locais e descreve STC espantado com a forma como os estudantes falam alto na Universidade e riem nas ruas, ao contrário dos de Cambridge, e até se atrevem a pedir dinheiro aos transeuntes para comprar livros. Com a ajuda de guias, os viajantes visitam ainda Colónia, Dusseldorf e as localidades holandesas de Nimwegen e Arnhem, admirando-se a jovem face a tanta novidade arquitectónica e à diferença cultural, por exemplo os moinhos, as igrejas locais, e uma rua de Leida que compara a Oxford’s High Street. Em Utrecht, o *Journal* descreve a paisagem sonora da feira nocturna, nomeadamente cantores, antes de se deter na visita ao Museu de Arte de Amesterdão, nos canais da cidade, e no tempo chuvoso que a impede de desenhar na Haia. Já em Scheveningen, a jovem desenha um conjunto de 80 barcos de pesca e é importunada, mais uma vez, por uma multidão curiosa com os seus desenhos. Em Antuérpia, aprecia torres e pináculos de igrejas, bem como arte na catedral. As paisagens iluminadas pelo luar são um tema recorrente (89, 90, 92, 157) no diário de Dora e de Grattan (1862 vol. 2: 208-210), que complementa os escritos da diarista e de STC, que estimula a escrita diarística da jovem durante a *Bildungsreise* (“Mr C bids me journalize”; 106), nomeadamente na carruagem entre Aachen e Colónia, como o próprio STC comenta no seu *Notebook* (2000, entrada 5889): “enriching Rotha’s [Dora’s] Journal with Negatives &

good Humooured Grumbling to Cologne”, enquanto WW a ajuda a desenhar ao ar livre (85, 155, 156). Para a diarista, a arte católica, paisagens pitorescas e monumentais, bem como os passeios turísticos são os pontos altos da viagem, e, já em Inglaterra, a 17 de Outubro de 1828, WW confessa a Edward Quillinan: “Our tour went off à merveille especially for Dora, to whom everything was new” (WLL/Wordsworth, W&D/5/400).

A viajante redige o *Continental de Journal* para o seu núcleo familiar, permitindo a comparação desse texto com os da sua mãe e da tia concluir que as mulheres da família Wordsworth estabeleceram uma interessante rede de textos diarísticos complementares entre si. O relato que Dora descreve como “little book” e “rough notes” (152, 166) é um projecto colectivo marcado pela estética do pitoresco, das ruínas romantizadas (“In the evening walked up to a ruined Castle on an eminence close by – splendid scene”; 110) e da observação-fruição da natureza e dos Outros culturais, mas também das aventuras dos *Selves* em viagem, descrevendo a ‘filha do Poeta’, como era então conhecida, os dois famosos bardos românticos humoristicamente, numa carruagem, “perched on the roof exactly like a pair of Monkeyes” (92), a caminho do campo da batalha de Waterloo. Episódios como esse, descrições realistas, surreais e efrásticas de habitantes, cenários naturais e religiosos (católicos), arte e património histórico e cultural dos países visitados povoam um dos únicos exercícios de escrita de viagem da jovem que se recusa permanecer anónima ou apenas famosa como a filha de WW e que conquistaria uma escrita e uma voz públicas próprias. O trio literário e outros viajantes que referimos intensificam a dimensão literária do percurso turístico já bem conhecido dos ingleses, passando essa paisagem romântica a fazer parte da história e do imaginário colectivo e literário da família Wordsworth.

